

## (II)

# INFRA-ESTRUTURA, VULNERABILIDADE SOCIAL E CALAMIDADES NO BRASIL-NORDESTE

*Jurandir Antonio Xavier\**

### APRESENTAÇÃO

“Infra-estrutura, vulnerabilidade social e calamidades no Brasil-Nordeste” é uma proposta de pesquisa sobre aquelas circunstâncias sociais que fazem com que hoje uma seca ou mesmo uma chuva, eventos naturais, “normais”, gerem calamidades sociais no país, e, sobretudo, no Nordeste. Pressupondo-se que a intermediação entre as ameaças naturais e as calamidades sociais seria realizada pela vulnerabilidade social às calamidades, cujo suporte físico seriam os serviços infra-estruturais, trabalha-se a hipótese de que a deterioração de tais serviços tem feito elevar, tanto a vulnerabilidade social, potencializando as ameaças, sua capacidade de destruição, quanto, por via de consequência, os riscos ou as próprias calamidades na Região.

Tal pesquisa será realizada na “Unidade de Estudos e Pesquisas Sobre Calamidades”(UNCAL), vinculada ao Centro de Humanidades (CH), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que, no Brasil, representa a “Red de Estudios Sociales en Prevención de Desastres en América Latina”.

### INTRODUÇÃO

Não são mais apenas as secas que, recorrentemente, persistem de-

---

\* Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba.

sencadeando calamidades no Nordeste. Às secas, ameaças naturais contra as quais jamais veio a ser contraposto algo consistente que, regularizando os ciclos de oferta, demanda e manejo da água, neutralizasse seu desdobramento em catástrofes, vieram se juntar múltiplas outras circunstâncias naturais, mas, sobretudo, socialmente desenvolvidas, tanto nas áreas rurais, quanto nas urbanas, que hoje ameaçam transformar as calamidades periódicas, em permanentes. Em tal dimensão tem se dado o crescimento da vulnerabilidade social às catástrofes na região Nordeste do Brasil.

Sem dúvida que, em suas origens, tal dramática evolução possui múltiplos fatores. Aqui, chama-se a atenção para um deles, talvez o mais significativo a fazer elevar a vulnerabilidade social às calamidades no Nordeste: o estado de degradação social, medido pelo estado de carência, inadequabilidade e sucateamento ou então de degradação dos serviços públicos infra-estruturais regionais, sobretudo daqueles que servem suas zonas mais densamente habitadas.

De fato, e, exemplarmente, o manejo da água continua sendo absolutamente insatisfatório na Região, para não dizer mais. Ainda recentemente, as mesmas chuvas cujas águas, suas faltas, levaram tragédias nos Cariris paraibanos, suas abundâncias, levaram alegrias nos sertões pernambucanos, mas também novas tragédias nas cidades, desencadeando aí inundações, deslizamentos e encharcamentos, bem como desabamentos, mortes e epidemias. Ainda agora, equipes de resgate removem escombros de deslizamentos em Salvador - Bahia, onde, ao lado dos 45 mortos, outras 5.000 famílias ou 30.000 pessoas foram diretamente afetadas pelos desabamentos ocorridos nas regiões de São Caetano, São Gonçalo do Retiro e Cajazeiras.

Assim, enquanto as águas do rio São Francisco, exatamente onde seu abastecimento ou sua oferta regularizada é mais carente, continuam a mover turbinas na produção energética, para então serem despejadas no mar, as secas continuam desarticulando a reprodução econômico-social, gerando fome, miséria e indignação, bem como calamidades sociais no semi-árido nordestino, sem que, não obstante, infra-estruturas hídricas, anti-sinistros, sejam aqui significativamente erigidas. As chuvas, não somente vão gerando enchentes, deslizamentos e

desabamentos, mortes, mas também ruas encharcadas nas cidades passam a abrigar focos de endemias, que, em crescente, vão dizimando as populações mais vulneráveis, numa forma de extermínio social. Surtos de pragas nos campos, bem como de cólera, dengue ou febre amarela nas cidades, vão se banalizando no Brasil-Nordeste sem que, a exemplo, os serviços infra-estruturais de saúde pública sejam modernizados, expandidos ou mesmo recuperados.

Enfim, o Brasil-Nordeste vive o colapso de seus serviços infra-estruturais, mesmo daqueles socialmente essenciais, vivendo sob o crescimento da vulnerabilidade social às calamidades em ritmos sem precedentes em sua história moderna. E o que é ainda mais dramático: sem perspectivas de que tais serviços venham a ser recuperados, modernizados ou expandidos sob as atuais tendências governistas de entrega de seus destinos às livres forças de mercados. Na verdade, tanto as políticas econômicas recessivas, que têm estrangulado os gastos públicos na Região, quanto as tendências predominantes de integração mundial, desintegração nacional e transregionalização das economias nacionais, que têm levado à concentração ainda maior dos investimentos privados e públicos no Sudeste, vêm gerando desinvestimento, decapitalização e sucateamento das riquezas sociais aqui imobilizadas. Aumento das desigualdades regionais, da degradação social e da vulnerabilidade social às calamidades numa região onde habita cerca de 1/3 da população brasileira são as conseqüências mais imediatas de tais tendências. Com isso, basta a falta de água ou uma seca prolongada ou mesmo uma chuva mais intensa, ameaças naturais “corriqueiras”, para lançar a Região num longo túnel de calamidades. Tal é o grau de vulnerabilidade social do Nordeste às catástrofes, aqui estudado em suas relações com o estado de deterioração dos serviços infra-estruturais, suporte físico da vulnerabilidade social.

### **OBJETO DE PESQUISA**

Objeto de estudos são os serviços públicos infra-estruturais, seu estado, bem como desenvolvimento recente, em suas relações com os desastres, catástrofes e calamidades sociais que se vêm multiplicando no país, sobretudo no Nordeste. Visa-se reunir evidências fatuais que

ilustram a hipótese de que a crescente deterioração dos serviços públicos infra-estruturais, atualmente em curso na Região, tem feito elevar a vulnerabilidade social às catástrofes, potencializando as ameaças naturais ou socialmente construídas aos desastres. Tais estudos convergem para o estabelecimento de parâmetros estruturais que subsidiariam a formulação de novos planos de emergências, bem como de prevenção e mitigação de desastres, catástrofes ou calamidades, cientificamente fundamentados, no Brasil-Nordeste.

### **JUSTIFICATIVAS**

Os serviços infra-estruturais têm sido mais comumente estudados em suas relações com o desenvolvimento econômico, raramente, no entanto, com os desequilíbrios regionais, com a vulnerabilidade social às calamidades ou com o próprio desenvolvimento sustentável. A exemplo, em 1994, o último "Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial", do Banco Mundial, versou sobre tal tema, "Infra-Estrutura para o Desenvolvimento". A proposta de pesquisa aqui apresentada tem por perspectiva preencher tais lacunas no Brasil-Nordeste.

De fato, já se tornou inimaginável conceber novas propostas regional-desenvolvimentistas, sem que nelas venham a ser contemplados elementos essenciais de sustentabilidade do desenvolvimento. Elementos que, por sua vez, também são inimagináveis sem a presença de infra-estruturas adequadas, especificamente voltadas, integradas, à sustentabilidade de tal desenvolvimento, sobretudo numa Região onde a degradação ambiental-social só tem feito crescer, aumentando a incidência das velhas ameaças, a exemplo das secas, mas também fazendo surgir outras novas ameaças, como as pragas no campo ou endemias nas cidades.

Sem dúvida que as infra-estruturas, bem como capital ou riqueza social que nelas se encontram imobilizados, são também indicadores significativos dos desequilíbrios regionais no país, os quais, a propósito, vêm em crescendo no atual curso da mundialização econômica. E não somente porque a política de austeridade econômica do Estado vem penalizando ainda mais o Nordeste (já que aqui a dependência econô-

mica do Orçamento da União é maior), mas também porque a própria integração nacional na mundialização tem sido a integração do Sudeste, seus conglomerados industrial-financeiros. Com isso, enquanto a região Sudeste vem tendo seus serviços infra-estruturais ampliados, bem como modernizados, a Nordeste vem tendo os seus sucateados. Sobretudo os de transportes, comunicações e abastecimentos.

Mais raros ainda porém, tem sido os estudos que correlacionam os serviços infra-estruturais, seu estado e desenvolvimento recentes, com as calamidades ou com a vulnerabilidade social-regional. Chama a atenção o fato de que ainda hoje a ausência, carência ou inadequabilidade, das infra-estruturas às próprias vulnerabilidades regionais atinge um tal nível de desencontro que, mesmo ameaças mais recorrentes, a exemplo das secas, ainda são capazes de desarticular a reprodução econômico-regional, submetendo-a às calamidades periódicas.

Na verdade, desastres, catástrofes ou calamidades, desencadeados por fenômenos naturais ou mesmo sociais, como objeto de estudos nas ciências humanas, têm sido pouco requisitados no Brasil. Não por falta deles. Nem por desinteresse acadêmico. De fato, sua ocorrência vem se intensificando no país e já há muitas décadas eles vêm ocupando pesquisadores sociais no exterior, sobretudo naqueles países onde os sinistros naturais têm sido formalmente mais virulentos ou freqüentes. Seja porque os terremotos, ciclones ou maremotos, ameaças naturais "mais nobres", aqui nunca se fizeram significativamente presentes ou porque vendavais, enchentes e secas, talvez "menos nobres", apesar de insistentemente recorrentes, desarticuladores da reprodução econômica e destruidores de vidas humanas, acabaram-se fazendo "naturais", "normais" ou "banais" na vida do país ou ainda porque o próprio subdesenvolvimento, mostra ser uma verdadeira calamidade, senão uma de suas mais portentosas fontes, envolveu, ocupando plenamente a preocupação dos cientistas sociais, a verdade é que, só muito recente e apenas lentamente, os desastres vão passando a fazer parte da agenda de trabalho de alguns poucos pesquisadores nas áreas das ciências humanas no Brasil.

E no mundo de hoje, poucos países precisaram ter suas catástrofes mais estudadas que o próprio Brasil. Sem dúvida que isso é válido, tanto para as secas no Nordeste, enchentes no Pantanal, Amazonas ou

Sudeste e desertificação, salinização ou erosão dos solos - ameaças naturais que continuam gerando tragédias urbanas e rurais -, quanto para fome, miséria e violência, bem como concentração de renda, degradação ambiental-social e barbarização das relações sociais - riscos ou ameaças socialmente desenvolvidos que aqui tem gerado desastres ainda mais devastadores que os naturais. E sem que tais estudos floresçam, é inimaginável que novos planos de emergência, prevenção e mitigação de calamidades, bem como de desenvolvimento regional, contenham parâmetros de sustentabilidade próprios, específicos à Região. Ou que a natureza predatória do desenvolvimento atual possa vir a ser superada..

### **BIBLIOGRAFIA SELECIONADA**

- "Ciência Hoje", "Revista de Divulgação Científica da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência", Vários Números, Rio de Janeiro.
- "Desastres & Sociedade", "Revista Semestral de la Red de Estudios Sociales en Prevencion de Desastres en América Latina", ns. 1 e 2, Bogotá, Lima.
- "Desindex: Bibliografía Sobre Desastres", 2600 Referencias em 3 volumes; Editado pelo "Programa de Preparativos para Situaciones de Emergencia y Coordinación del Socorro para Casos de Desastres"; "Centro de Documentación de Desastres", Sao José, Costa Rica, 1993.
- "Disaster History: Significant Data on Major Disasters Worldwide, 1900 - Present", "Office of U.S. Foreign Disaster Assistance", "Agency for International Development", Washington DC.
- "Disaster Prevention and Mitigation: A Compendium of Current Knowledge"; 10 Volumes; "Office of the United Nations Disaster Relief Co- Ordinator"; United Nations, New York, 1979.
- "Estudos Avançados", Revista do Instituto de Estudos Avançados, Universidade de São Paulo, vários números, São Paulo.
- "Estudos Avançados", "Coleção Documentos" do Instituto de Estudos Avançados, Universidade de São Paulo, vários números, São Paulo.
- "Relatório Sobre o Desenvolvimento Mundial", Banco Mundial/ Fundação Getúlio Vargas, vários números, Rio de Janeiro.

- Maskrey, Andrew (compilador), "Los Desastres No Son Naturales", "Red de Estadios Sociales en Prevención de Desastres en América Latina", Bogotá, 1993.
- Maskrey, Andrew; "El Manejo Popular de los Desastres Naturales: Estudios de Vulnerabilidad y Mitigation"; Tecnologia Intermedia (ITDG), Lima, 1989.
- Memórias da "Conferência Interamericana Sobre Reduccion de los Desastres Naturales". 2 Volumes; Cartagena de Indias, Colômbia, 1994.
- Soler, Norma (compiladora); "Questões Teórico-Metodológicas Para o Estudo e Pesquisa na Área de Calamidades", UNCAL/UFPB, Campina Grande, 1994.